

= AS JANELAS DE =
BAUADO

Curadoria
Ariana Nuala

AS JANELAS DE BAJADO

Curadoria Ariana Nuala

Novembro de 2023

Bajado, ou Euclides Francisco Amâncio, declina a categorização convencional de pintor, cartazista, muralista e brincante carnavalesco. Em sua expressão artística, testemunhamos um gesto que navega por diferentes ângulos e ritmos. Imerso nos movimentos culturais de Olinda, sua cidade adorada, Bajado participava ativamente de orquestras de frevo, maracatus, cirandas, sambas e cocos. Como um maestro, ele sintonizava os sons de ganzás, alfaias, saxofones, pandeiros, palmas e pisadas em suas criações. Suas obras pulsam como uma multidão efervescente, oferecendo um espaço para a celebração e a brincadeira.

Ao refazer festejos e manifestações populares, seja em procissões religiosas ou grupos futebolísticos, Bajado compõe entre muitos corpos. Nas multidões que retrata, alguns costumes se diluem enquanto se transformam, destacando a importância dos ritos na compreensão social. Constância e improviso convergem no sinal de seus traços, revelando uma narrativa rica e dinâmica.

Dentre suas telas, as que capturam momentos de carnaval se destacam. Cores vibrantes — verde, amarelo, azul e vermelho — entrelaçadas entre brancos e pretos, quase permitem ouvir os sons que ecoam nessas folhas. Bajado transcende a linearidade do calendário gregoriano, suspendendo certezas em zonas flutuantes que desafiam o tempo histórico. Suas práticas revisitam e acionam coletividades contra-hegemônicas, explo-

rando o que seria tradição, mudança e memória. Ações que, especialmente, retomam as presenças de negros e indígenas, enquanto desafiam o esquecimento das distrações coloniais.

As canções ressoam, lembrando o poder transformador do tocador. Bajado, encantado com cada ritmo, parece usar a música como uma chave que abre portas e janelas, reconfigurando paisagens e abrindo conexões. Em sua busca incessante pelo movimento, refletida também em sua paixão pelo cinema, Bajado se revela um artista inquieto. Seu fazer não se limita à visualidade; ela reorganiza sentidos, convidando-nos a explorar narrativas contadas através da repetição e suas metamorfoses.

Em 1912, Bajado nasce em Maraial. Oito anos mais tarde, o cenário artístico brasileiro é profundamente influenciado pelo circuito modernista, cujas características marcantes se estendem pela década de 20 ao início dos anos 30. Nesse contexto de viagens etnográficas para o Norte e Nordeste, integrantes da produção intelectual do Rio de Janeiro e São Paulo promovem discussões acerca das contribuições de povos afrodiáspóricos e dos povos originários na construção da identidade brasileira. Surge, então, uma busca pelo primitivo, considerado por Mário de Andrade, de maneira paradoxal, como um ideal a ser seguido. Essa busca é comparável, de certa forma, aos encontros de Picasso com as máscaras africanas, evidenciando um interesse artístico elitista por algo que eles consideravam “genuíno e puro”.

Contrariando essa narrativa, proponho uma reflexão sobre os termos que rotulam Bajado: naïf, primitivista, popular. Esses rótulos, provenientes de diferentes épocas, criam divisões e memórias específicas, acentuando a distinção entre conhecimentos academicistas e o autodidatismo presentes desde o século XV. Bajado, muitas vezes percebido como desafiante à obediência, elabora uma profanação artística que cria nuances em categorias. O que haveria de simples numa vida que remonta os complexos cruzamentos entre danças e ritmos? Onde estaria a pureza em alguém que era embriagado pelo frescor dos carnavais? A procura sobre a forma, em sua rigidez, limita o próprio observador àquilo que ele desconhece, classificando, talvez, algo que não tenha classificação.

A festa, arquivada nas pesquisas das décadas de 20, revela-se como um elemento fascinante e, ao mesmo tempo, contraditório para um olhar estrangeiro. Os festejos não apenas carregam a herança de ritos, mas também preservam cosmologias cultivadas por saberes diversos. Bajado, através de suas “Janelas”, convida-nos a mergulhar nessa rica tapeçaria de experiências culturais, desafiando-nos a questionar e celebrar a complexidade e a diversidade que compõem o território o qual o artista atravessou.

REALIZAÇÃO

Galeria Marco Zero

SÓCIOS PROPRIETÁRIOS

Eduardo Suassuna,
Marcelle Farias

CURADORIA

Ariana Nuala

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Amanda Alencar

PROJETO GRÁFICO

Estúdio Ligatura
(Heitor Moreira
e Rod Souza Leão)

PROJETO EXPOGRÁFICO

Ana Maria Pedroza

EDUCATIVO

Debora Alves
Marcone Malaquias

EQUIPE MARCO ZERO

Alexandre Viana, Carlos Andre Oliveira,
Eraldo Pereira, Isabel Cristina,
Izabel Karime, Joana Celice,
Marcela Maia, Nina Xará,
Rebeca Cavalcanti, Rebeca Pontes,
Roberta Fernandes, Robson Ferreira,
Sarah Tikva

AGRADECIMENTOS

Katia Mesel
Josivan Rodrigues
Roman Maranhão